

SNAPORAZ

2208

Por Sérgio Costa

Prólogo -

Música, escombros. - *Sirene + Música inicial*

O servo sai debaixo dos escombros e anda quadrangularmente, Servo libera Snaporaz e este começa a girar a esmo, tentando encontrar rumo. Servo o dirige quadrangularmente. Servo recupera a mesa e cadeira. Snaporaz senta-se. Barulho intenso de ferramentas começa, martelos, moto serra e afins. Snaporaz não suporta o barulho, tapa os ouvidos e anda em círculo. O servo o leva de volta a cadeira.

Sirene:

Servo – Snaporazzzzzzzzzzzzzzzzzzzzz...

Silêncio

Servo – Snaporazzzzzzzzzzzzzzzzzzzzz...

O som emitido pelo servo mistura-se ao som das ferramentas, furadeiras. Snaporaz levanta-se e tapa-se o ouvido novamente.

Snaporaz – Pare com isso!

Servo – Mas não sou eu!

Snaporaz – (gitando) Pare!

- Perdo

O barulho cessa. Snaporaz vai ate a mesa como se trabalhasse.

Snaporaz – caminhões?

Servo – Estacionados.

Snaporaz – Escavadeiras?

Servo – Inspeccionadas!

Snaporaz – Betoneiras?

Servo – Checadas!

Snaporaz – Basculantes?

Servo - Idem!

Snaporaz – Ferramentas?

Servo – Idem!

Snaporaz – canecas?

Servo – Canecas?

Snaporaz – canecas, carrinhas, parafusos, cimento, fatura, elevadores...

Servo – (grita) O quê?

Silencio.

Snaporaz – Elevadores... Você checkou os elevadores?

Servo - vamos tomar o elevador?

Snaporaz – Vamos! O dia esta tão azul...

Servo – Azulíssimo.

Snaporaz – Da para ver a obra toda lá de cima.

Servo – Que barulho é esse?

Snaporaz – O quê?

Servo – Que barulho é esse?

Barulho de ferramentas volta.

Snaporaz – Chega! Traga-me as excelentes noticias.

Servo sai. Snaporaz peida. Servo volta.

Snaporaz a mesa

Servo – Snaporazzzzz...

Snaporaz- O que?

Servo – Com licença. Trago excelentes noticias.

Snaporaz – Eu não acredito.

Servo sai e retorna com o prêmio.

Com licença!
Servo – Trago excelentes noticias.

Snaporaz – o que é isso?

Servo - O ministro esta lhe agraciando com um prêmio por sua capacidade empresarial...

Snaporaz – Estou exausto, exausto...

Servo - Seu Snaporaz é uma grande honra receber tal prêmio!

Snaporaz – É de ouro?

Servo verifica

Servo – Se não é de ouro deve ser banhada pelo menos.

Snaporaz – Fique para você.

Servo – Não...Não...Não...Seu Snaporaz, não posso. O prêmio é para você.

Snaporaz – Leve para o seu quarto!

Servo – Não posso aceitar, é uma honraria que não cabe a mim. ^{Gmahn...} O ministro está oferecendo um banquete em sua homenagem lá no jôquei clube.

Snaporaz –Estou exausto entende, exausto; Eu não durmo, não como, não durmo. Eu não gosto de cavalos.

Servo – Mas o ministro estará lá especialmente.

Snaporaz – Eu não quero saber.

Servo - O ministro insiste.

Snaporaz – mande o ministro tomar no cu dele.

Servo – Seu Snaporaz, eu não posso fazer isso, precisamos respeitar as formalidades.

Snaporaz – Então mande uma carta formal, informando o ministro para formalmente ir tomar no cu dele.

Servo - ...carta formal, informando o ministro para tomar no...Anus?

Snaporaz – na toba.

Servo – ...na toba! Acho que ainda soa muito rude.

Snaporaz – por favor, please, sil-vou-plait.

Servo – calma seu snaporaz, venha. Vamos dar um passeio. (veste-lhe o casaco) Um pouco de ar fresco lhe fará bem.

Snaporaz – Você não me ouve, estou exausto, meu peito...está chiando, ouça...

Servo - Ora seu Snaporaz um chiadinho de nada, menos que uma chaleira.

Snaporaz – Meu deus, estou chiando, você não vê, estou em vias de... será o cimento,, o sal...

Servo - O sal?

Snaporaz – usamos a areia da praia, lembra? Para aquele edifício?

Servo – não há de ser nada seu Snaporaz.

Snaporaz – Esta noite sonhei que o edifício tinha caído e soterrado todo mundo, e eu ia pagar a conta.

Servo – Não se preocupe seu Snaporaz, o edifício continua em pé.

Snaporaz - Eu não quero ser enterrado sob uma laje de concreto, entende? O cimento me enriqueceu, mas o cimento não sou eu, promete?

Servo – prometo. Venha vamos caminhar um pouco. (caminham) Afinal o senhor é o homem do ano, a personalidade empresarial do ano...

Snaporaz – Sim, sou eu, não é mesmo? Ah , meu filho, eu me fiz da poeira, transformei tudo em concreto armado, amado, a viga mestra.

Servo – Mas agora, o banquete...

Snaporaz – Não! Estou exausto, quero sentar, *mas e o banquete?*
traga-me a cadeira!

Servo procura cadeira. Snaporaz senta-se longe da mesa.

Snaporaz – Esta não é minha cadeira.

Servo – É sua cadeira, sim!

Snaporaz vai para atrás da mesa.

Snaporaz – Eu quero a minha cadeira.

Servo traz de volta a cadeira.

Servo – Sente-se.

Snaporaz – Essa não é a minha cadeira. Onde estava essa cadeira?

Servo – Ali!

Snaporaz – Vê. A minha cadeira nunca esta ali, está sempre aqui.

Servo – Ah seu snaporaz.

Servo dá a volta a mesa com a cadeira. Deposita no mesmo lugar.

Snaporaz – Esta é a minha cadeira. Leve esse prêmio logo daqui.

Servo - Mas e o banquete?

Snaporaz – Leve já!

Servo leva o prêmio, snaporaz o interrompe.

Snaporaz – porque você aceitou o prêmio?

Servo – Porque você insistiu.

Snaporaz – mas você não aceitou logo da primeira vez.

Servo – você insistiu!

Snaporaz – Então você gostou do prêmio?

Servo – Eu disse que gostei e você insistiu.

Snaporaz – Devolva já o meu prêmio.

Servo devolve o prêmio.

Snaporaz – Este prêmio é meu, eu sou o homem do ano, entendeu seu brucutu, invejo. Você não é nada. Tire as mãos sujas do que não é seu.

Servo – Desculpe seu Snaporaz.

Snaporaz – Desculpe? Pague ²⁰ dez!

Servo – Como?

Snaporaz – Não entendeu? Então pague vinte, para aprender a ser gente.

Servo paga dez, enquanto ouve os desaforos de snaporaz. Servo vai para a plateia.

Servo – Servir não é uma obrigação, servir é uma opção. É tempo de cada um. Snaporaz me ajudou muito. Eu sou o que ele me ensinou. Ele é importante pra mim. Mas eu também sou importante para ele. Todo começo é servir para um dia vir a ser. Na morte de alguém, a obrigação é de quem. Afinal ninguém vive para sempre. 18, 19, 20

A cena continua com as flexões como se o servo nunca tivesse saído dali. Feitas as flexões, snaporaz o abraça afetuosamente.

Snaporaz – Você pagou, você pagou. Estou exausto me ajude.

Servo – Está bem, nós vamos ao banquete.

Snaporaz – Você vai, sim. Por favor!

Servo – mas eu nunca estive....

Snaporaz – É fácil, você estará com as pessoas, nas mesas...

Servo – Num lugar tão chique assim...

Snaporaz – a orquestra de violinos, o champagne...

Servo – Não sei como me comportar...

Snaporaz – Sente-se, eu ensino... Sente-se vamos. Você vai fazer um papel bonito. Voilà, sil vou plait, première, la tovaglia, sente-se confortavelmente sim... ah! Porcelain, bicchiere, guardanapo? Bellissimo, elegante! Garçon, sil vou plait, Voilà, o champagne. Ah! Merci, merci, olhe para isso, hors d'oeuvre, la insalatta, la zuppa, tome um pouco de vinho! ãh..ãh, o nariz

Restaurant

primeiro. Claro, o bouquet, o bouquet! Força, príncipe, bravo, bravo. Messier Chel che vous voulez. Ah! A codorniz a la Provence, ou a bourgignon? Bourgignon? Excelente escolha, Messier, du vin du pai do boursin!! Agora coma.

Servo – o quê?

Snaporaz – A codorniz a bourgignon, ai no prato.

Servo- Ah! (**servo come sofisticadamente**) Codorniz a la mignon, sil vou plait, champagne.

Snaporaz –Quem te ensinou a comer assim??

Servo – As pessoas, as mesas, a sonata de violinos...

Snaporaz – Merda nenhuma. (**Arranca-lhe a codorniz**) O concerto é para tubas. (**começo para tubas começa força. Servo estupefato**) Quem te ensinou a comer assim?

Servo - ninguém!

Snaporaz – Ninguém?

Servo – Eu observo.

Snaporaz – observa quem?

Servo – os grandes homens.

Snaporaz – Eu sou os grandes homens! O que você quer me humilhar na minha mesa, este é o meu banquete imbecil, saia já daqui. Este lugar é meu, o jantar é meu, o vinho, suma daqui!

O servo sai

Snaporaz – (**gritado**) Quem você pensa que é? Não fosse por mim, você não seria ninguém. Não teria casa, não teria cama, andaria embrulhado em folhas de bananeira, seu macaco. Você ia viver de carniça, seu urubu nojento. Eu sei o que você quer, você quer me comer os olhos, mas eu te mato antes, esta me ouvindo? Eu te depeno, eu te faço comer piche, ah, não fosse pela minha compaixão, este coração mole que bate dentro do meu peito, nem maçaneta de porta você conheceria, nem ralador de queijo, seu índio.

Silêncio.

Snaporaz – Ah! Você foi embora, você pensa que vai fazer falta? Eu sou o grande Snaporaz! Você esta me ouvindo/ Você foi embora mesmo?

Simone + Codorniz

Snaporaz acompanhado de autoridades e investidores.

Snaporaz – Como os senhores podem verificar, as obras estão rigorosamente de acordo com os prazos estipulados, estritamente dentro das normas e códigos vigentes da moderna escola de edificação; já foram colocadas as sapatas, a devida amarração, a estrutura já circunvalada. Os muros de contenção (**peido**) as vias de acesso; Este estádio, meus senhores, inaugura um novo conceito de praticidade e beleza (**peido**) aliadas a transparência do material da cobertura

(peido) que vai assegurar completa e radiante luminosidade, que por sua vez ajudara na economia de energia elétrica (peido)

Servo – Pois não?

Snaporaz solta mais um peido.

Servo – Seu snaporaz, acho que o sr, esta com problemas de gases.

Snaporaz – Não! Eu peidei mesmo, não posso? Você não peida?

Servo – Não em público.

Snaporaz – (dirigindo ao seus convidados) Ah! Que fineza, o mauricinho não peida me publico.

Snaporaz solta mais um peido.

Snaporaz – pronto que tal, gostou desse? O mauricinho não peida, não caga? (aos convidados) Ei? Aonde vocês vão? Ainda não acabamos a visitaçã! (mais um peido) Ah! Esse foi épico, o que? Tenho que me desculpar? A quem? A policia? Ao governador? Tenho que mandar memorando? Aqui para eles ó (solta mais um) Ih! Caguei!

SIRENE. Snaporaz e servo caem num breve esturpor, catatônicos, antes de iniciarem com toda energia a próxima cena. Barulho Intenso.

Servo – ganhamos!

Snaporaz - o que?

Servov – A licitação.

Snaporaz – O estádio?

Servo – Sim!

Snaporaz – quanto?

Servo – Setecentos milhões.

Snaporaz – Só?

Servo – É o valor inicial.

Snaporaz – E com a super fatura?

Servo – Um bilhão e duzentos.

Snp – Tudo meu?

Servo – Tudo seu?

Snp Te dou 10.

Servo – Por cento?

Snp – Sim

Servo faz cara de insatisfeito.

Snp – Ta bom, 15%

Snaporaz – Viva! Vamo comemorar! Champagne!

Bebem, riem, abraçam-se, constrangem-se com o abraço. Afastam-se.

Snaporaz – Tudo sobre controle?

Servo – tudo!

Snaporaz - a imprensa!

Servo – silenciada.

Snapora – o ministério publico?

Servo – suavizado!

Snaporaz! Oposição?

Servo – Cooptada!

Snaporaz – Sócios?

Servo- De acordo?

Snaporaz – Viva! Vamos comemorar!!!

Bebem, riem, abraçam-se. Constrangem-se. Afastam-se.

Telefone toca

Servo – snaporaz, é o ministro.

Snaporaz – Eu não quero falar!

Servo – mas ele já esta falando.

Snaporaz – O que é que eu falo?

Servo – fala que esta tudo bem, tudo muito bem!

Snaporaz – Esta tudo bem, tudo muito bem.

Servo – (instruindo) Voce esta feliz, feliz.

Snaporaz – Eu estou feliz, feliz. (para o servo) Porque?

Servo – (gesticula aludindo ao premio) Agradece!

Snaporaz – Agradeço muito pela... Não! Mulher não!

Servo – O premio!

Snaporaz – Desculpe seu ministro, obrigado pelo premio, o premio! (Servo gesticula dinheiro)
Obrigado por aceitar a propina.

Servo – Não! A licitação!

Snaporaz – Digo, a licitação. Obrigado pela licitação. Estou feliz, felicíssimo!

Servo gesticula para que desligue o telefone.

Snaporaz – E pare com essa merda (o servo desliga o telefone)

Servo – Voce não pode falar assim com o ministro, nao é ele que recebe a propina.

Snaporaz – Quem é? O assessor?

Servo –É o laranja do assessor dele, é logico.

Snaporaz – Por que eu não falo direto com o laranja do assessor então?

Servov – Porque o laranja do assessor não é nada e o assessor é a fachada financeira.

Snaporaz – E o ministro?

Servo – A fachada ideológica.

Snaporaz –mas se é tudo do mesmo saco, por que tanta burocracia?

Servo – Porque se a policia descobrir, quem dança é o laranja.

Servo dança ao som das próprias laranjas.

Snaporaz – Vem aqui.

Servo – Para que?

Snaporaz – Vejo que você já esta pronto.

Servo – Pronto pra que?:

Ah... Eu me lembro como se fosse hoje; eu era um pouquinho mais novo que você, meu deus, como estava nervoso, foi o meu pai, ou foi meu avô? Ah, eu não me lembro. Pegou na minha mão e disse que ia dar tudo certo.

Servo – Do que você está falando?

Snaporaz – Você sabe...

Servo – Seu snaporaz, eu acho que ainda não estou pronto.

Snaporaz - vamos, não tenha medo, todo homem passa por isso.

Servo - mas vai doer muito?

Snaporaz – olha, eu não vou mentir pra você, a primeira vez sempre dói um pouquinho.

Servo – A sua doeu?

Snaporaz – Doeu porque o primeiro P saiu ao contrario.

Servo – Como assim?

Snaporaz - A perna, saiu primeiro.

Servo – AHH!!!

Snaporaz - Mas o R saiu de cabeça, redondinho.

Servo – Ufa, se enrocasse eram duas pernas.

Snaporaz – rasgava até o saco.

Servo – Deus é grande;

Snaporaz – Vamos lá, posição...

Servo hesita e caminha.

Servo – Deveria ser mais fácil...

Snaporaz – força, vamos, força rapaz, coragem. Isso, isso... Está saindo...

Servo evacua o P – *Música jog. Comico*

Snaporaz – Doeu?

Servo - Meu deus não doeu nada, na verdade eu ate gostei.

Snaporaz – Um talento natural. Vamos lá. A próxima.

Servo evaua o O

Snaporaz – mas o que é isso?

Servo- o O.

Snaporaz – Seu imbecil não é porpina, é propina, não sabe soletrar?

Servo – Bunda não sabe!

Snaporaz – Anal fabeto! Vamos manda o resto.

Servo – podemos continuar mais tarde?

Snaporaz – O que? Já viu propina a prestação, propina tem que ser tudo de uma vez, que desprestígio.

Servo evacua o resto, a ultima letra é vermelha. Saem duas de uma só vez.

Snaporaz – lh, magoou!

Servo – Não importa, é preciso coragem.

Sirene. Barulho de portas e cães. *→ pouco*

Servo – Temos que deliberar. *(Atômico - sério)*

Snaporaz - O que?

Servo – A licitação, o estádio, esqueceu?

Snaporaz – Arrumou os operários?

Servo – Sim, já estão no elevador!

Snaporaz – No elevador? Você checkou o elevador?

Servo – Se eu chequei o elevador? *- Munição elevador*

Snaporaz – Sim! O dia estava tão azul.

Servo – Azulíssimo.

Snaporaz – Uma beleza.

Servo - Lá de cima a obra toda.

Snaporaz – Que barulho é esse? *- com a porta. o quê? que barulho é esse?*

Servo – Já arrumei os operários. Os baianos, os paraibanos e dois bolivianos.

SNAPORAZ – Bolivianos?

Servo – Já vem anestesiados.

Snaporaz – quero uns gaúchos na mistura.

Servo - gaúcho é muito mais caro.

Snaporaz – por que?

Servo – O sindicato deles é muito forte, não levam desaforos sabe. E além do mais, gaúcho é muito chato, vivem enroscando a calça nos andaimes.

Sanporaz – Então põe paranaense, não quero a imprensa me acusando de explorar nordestino.

Servo – Qual o problema, todo mundo faz! E os bolivianos estão aí para equilibrar.

Snaporaz – É mesmo, não é não! Chega de escrúpulos.

Servo – Tem alguns capixabas ansiosos para trabalhar.

Snaporaz - O que? Nenhum brasileiro esta ansioso para trabalhar coisa nenhuma.

Telefone toca. Servo atende.

Servo – Precisamos de mais gente.

Snaporaz – Por que?

Servo – Um gaúcho acabou de enganchar a bombacha e derrubou o andaime com os baianos.

Snaporaz – Morreram?

Servo – Todos...menos um. Um baiano esta em coma.

Snaporaz – Arrume outros, dispense o imprestável.

Servo – Não podemos. A lei nos obriga a continuar pagando o salário dele.

Snaporaz – Vamos eliminá-lo então!

SERVO – Desculpe seu snaporaz, mas isso a minha ética ainda não permite.

Snaporaz – Eu me recuso a continuar pagando por um empregado inútil.

Servo – Podemos coloca-lo de porteiro.

Snaporaz – Excelente idéia. Mas agora chega! Chega! Eu tenho direito a minha exaustão.

Snaporaz se esparrama na cadeira.

Cena usuário

Servo – Há um homem aí fora que participou do programa “minha moradia, minha Alegria”

Snp – Minha o que?

Ser – Minha moradia, minha alegria, o programa de casas populares do qual a Snaporaz Construções e empreendimentos participou no ano passado, lembra, em parceria Com o governo federal - lembra? o projeto

Snp – E o que ele quer?

Ser - Reivindicar

Snp – Reivindicar?

Ser – Foi o que ele disse

Snp – Mandê entrar (servo sai) ~~O povinho metido a besta~~. Reivindicar! Aposto que nem sabe o que é isso.

Entra o reivindicante

Snp – O que você quer?

Homem – O senhor me adescurpe, mas...

Snp – Eu não desculpo merda nenhuma, você está atrapalhando o meu chá da tarde

Hom – O senhor, por favor, pode continuar tomando o seu chazinho...

Snp – Eu não bebo com estranhos. O que você quer?

Hom – O senhor me adescurpe, mas...

Snp – Eu já disse que não desculpo nada; vá direto ao ponto

Hom – É que a minha moradia que o senhor construiu...

Snp – Não caiu!

Hom – Como?

Snp – Não caiu!

Hom – Não, não caiu

Snp – Então vá bater a bunda no rio

Hom – O senhor não ta entendendo

Snp – Já tinha entendido antes de sentir teu cheiro!

Hom – Minha casa trincou tuda!

Snp – Sua casa trincou...

Hom – Da janela da cozinha direitinho até a a porta da sala

Snp - Não me surpreende. Bicho do mato como vocês que vivem debaixo da ponte, quando ganham uma casa começam a bater porta feito louco, trinca tudo mesmo

Hom – Pois o senhor fique sabendo que a gente não batemos porta, não, a gente semos civilizados, sim senhor

Snp – Balela. Cambada de cachaceiro, ~~tudo bêbado~~, ficam dando cabeçada em batente e depois põem a culpa na gente. Nós somos Snaporaz Construções e Empreendimentos, não entendeu ainda?

Hom – To entendendo, sim senhor, mas desaforáz ou não, eu sei que ta tudo cedendo, a casa tá tuda torta

Snp – É claro, enchem o cu de pinga e depois mijam nas paredes, nas soleiras – mijo é ácido, meu amigo, mijo vai corroendo concreto, tijolo...

Hom – O senhor me adescurpe, mas a gente num semo cachorro pra mijar fora da privada, não senhor!

Snp – Privada? Ora, tenha a paciência. Vocês costumam mijar dançando axé, pintam as paredes todas, seus gambás *gamba!*

Hom – Ói moço, o senhor ta me insurtando!

Snp – Insultado sou eu! Snaporaz Construções e Empreendimentos só trabalha com os melhores profissionais, com material de primeira qualidade, top de linha – o material humano de vocês é que é nojento!

Hom – Pois fique o senhor sabendo que a gente não mijamos na pia da cozinha e ela descolou tuda da parede, ta? Como é que o senhor explica isso?

Snp – Ah, é? E o que é que você pôs em cima da pia?

Hom – A panela de feijão pra eu comer meu armoço!

Snp – Você pensa que eu sou idiota? Você colocou foi a sua patroa em cima da pia pra comer é ela!

Hom – O senhor me tenha o respeito...

Snp – A casa foi entregue em excelentes condições e vocês detonaram tudo.

Hom – O senhor não tem o mínimo respeito...

Snp – Encheram a garagem de sertanejo, sapatearam feito cavalos, deram chifrada em parede e agora vem me encher o saco? Suma daqui!!

Hom – Pois eu vou brigar, que eu sou homem de ir no procão, na policia; não vai ficar assim, não, tripudiando em cima de gente honesta!

Snp – Saia daqui!

Hom – Eu vou na justiça!

Snp – Pois vá!

Hom – Eu tenho meus direito; o senhor pensa que é Deus, Deus só tem um e não é feio desse jeito, fique o senhor sabendo que nós vive numa democracia!

Homem sai

Snp – Eu já to cansado de mendigo vagabundo exigir igualdade. Quem tem dinheiro, meu filho, não precisa de democracia!

Servo tira o chapéu, amuado.

Ser – Isso não está certo!

Snaporaz – O quê?

Servo – Tratar as pessoas assim.

Snaporaz – E como deveria tratá-lo? Com lagosta e prosecco?

Servo – Este homem podia ser, podia ser...

Snaporaz alonga-se, indagativo.

Servo – Podia ser meu irmão, um amigo, meu pai...

Snaporaz – Você nunca se preocupou com isso antes, Consciência agora?

Servo pensativo. – *Snaporaz?*

Snaporaz – Vamos trabalhar que já passa.

Servo – E se a gente tiver que pagar por tudo isso?
– *Snaporaz?*

Snaporaz – O que se paga nesse mundo, meu filho, é nota promissória, o resto é medo que a igreja planta. Se ninguém tivesse medo, todo mundo ia querer o pedaço maior do bolo. Eu já falei, vamos trabalhar!

Cena fiscal

Ser – Tem um fiscal da prefeitura aí.

Snp – Tem boa cara?

Ser – Pelo contrário. Ele já soube do acidente com os baianos.

Snp – Ofereça um café.

Ser – Não quer beber nada

Snp – Mande entrar

Servo sai e entra o fiscal

Snp – ~~Pois não, posso ajudá-lo?~~

Fisc – Naturalmente

Snp – Algum inconveniente?

Fisc – Problemas aparecem de repente

Snp – O que o faz preocupado?

Fisc – O material utilizado

(Grita e ignora Snp prof)
Sn – *Pai não?*
Fis – *Prazer! Meu nome é João...*
Sn – *E o meu é Snp.*
Fis – *Já me falaram lá atrás.*
Sn – *O que quer afinal?*
Fis – *Está falando com o fiscal*
Sn – *da prefeitura?*
15 Fis – *Alan, a linha dura.*

(Fiscal já sabe da situação e vem maturo,
já faz ficando, que dinheiro)

Snp – é tudo de primeira mão

Fisc – Não será um problema, então...

Snp – Confio plenamente (pausa)

Fisc – E os cuidados com a sua gente... (

Snp – Os operários do concreto?

Fisc – Vivem mal, cheios de inseto...

Snp – Vou comprar um repelente.

Fisc – Mesmo assim, dormem sem teto

Snp – Alguns dias, solamente

Fisc – Eu considero indecente

Snp – Não posso alocar hotel!

Fisc – Não podem viver ao léu!

Snp – Bom, vou deixa-los contentes

Fisc – Tem alguma proposta?

Snp – Qual a cor que você gosta?

Fisc – Gosto de verde escuro

Snp – E ficará em cima do muro?

Fisc – Depende da quantidade

Snp – Teu sonho é realidade

Fisc – Pois eu preciso pra agora!

Snp – É o tempo de ir lá fora

Fisc – Já me sinto aliviado

Snp – E eu, já estou fiscalizado?

Fisc – Uma coisita, os baianos...

Snp – Botamos pra baixo do pano?

Fisc – Nada passou, se não me engano...

Snp – Um arranhão simplesmente

Fisc – Ah, trabalhador displicente (inômito)

Snp – E sobre a ... quantidade?

Fisc – Quero o dobro mais a metade

Snp – Mas isso é muito dinheiro!

Fisc – Se investigar traz mau cheiro

Snp – Se eu pago, que faço depois?

Fisc – Pode usar o caixa dois

Snp – Vocês são bem informados

Fisc – É que fazemos também

Snp – De acordo, fechado

Fisc – E chega de nhem nhem nhem

Snp – Já temos tudo acordado

Fisc – Devo dizer: obrigado

Snp – Sou eu o teu criado

Fisc – Pois bem, estou de saída

Snp – Um amigo é regalo da vida

Fisc – (saindo) Pelo progresso do Brasil!

Snp – (sozinho) Vá pra puta que o pariu!

Telefone toca.

Servo – (atendendo) É para você!

Snaporaz – Quem é?

Servo – È da policia!

Snaporaz – A polícia? O que eles querem?

Servo ao telefone

Servo – Do que se trata...Pois não? ãh,ãh. (para snaporaz) É sobre o acidente dos baianos!

Snaporaz – O que eles querem saber?

Servo – ãh,ãh...Eles querem o responsável pela obra.

Snaporaz – Assuma!!!

Servo – O que?

Snaporaz – você é o responsável pela obra.

Servo – Eu não!

Snaporaz – Assuma! Agora!

Servo – (Titubeante) É...sou eu o responsável pela obra...Eu entendo! (para snaporaz) Eles vão me indiciar por homicídio culposo.

Snaporaz – Bem feito.

Servo – (ao telefone) Quando? (para Snaporaz) Eles querem me interrogar amanhã.

Snaporaz – Diga a eles para virem hoje.

Servo – (O telefone) É melhor que venham hoje.

Snaporaz – Porque você é um assassino.

Servo – Não!

Snaporaz – Diga!

Servo – Não!

Snaporaz – Agora!

Servo – Porque eu sou um assassino!!!

Snaporaz – E merece cadeia.

Servo – Eu mereço cadeia. (desliga o telefone) *→ Som de porta*

Snaporaz – (enquanto servo anda fatigadíssimo) O que foi que eu te ensinei, seu vagabundo? Eu te ensinei a ser esperto, para quando a casa cair você não estar de baixo dela. Mas você é burro, é filho de uma cadela burra.

Ser - Mas foi você quem fez tudo. Você é o responsável. Não é justo. Eu não matei ninguém. Você contratou, não pagou. Extorquiu, enganou. ~~Você colocou os banhos na sujeira.~~ Você é o assassino.

Snp – As casualidades intrínsecas ao detalhamento e execução de fundamentos pluralíticos independem de circunstancias pessoais no plano pré-determinado...

Servo – Você contratou mão de obra desqualificada. Você ~~sempre~~ comprou material de terceira. Você ~~sempre~~ desviou dinheiro público, você ~~sempre~~ superfaturou todas as suas obras.

cala a boca
Snaporaz – Superfaturar? Meu amigo, os aditivos são ferramentas necessárias para adequação de quantidades e soluções não previstas do projeto básico e que decorre do detalhamento do projeto executivo, bem como das reais necessidades de campo identificadas somente no decorrer das obras.

hônico **Servo** – Chega !!! ~~Calá a boca.~~

Snaporaz – ~~Decisão unilateral para melhor adequação as finalidades do interesse público.~~

Servo – Cala a boca!

Servo – (Servo para o público) Eu queria que o snaporaz fosse um cachorrinho desses bem pequenininhos, nojentinho sabe, quase invisíveis. No momento em que ele me enchesse o saco eu enfiava ele numa lata vazia de neston com tampa, e o deixaria ali até que ele cozinhasse no sol quente, desidratado, para ficar bem quietinho. Se eu detesto snaporaz. ~~As vezes meu ódio é tão grande que ele transborda pelos meus poros e vence meu desodorante. Todo fedor vem dele, verme. Porque eu nunca o abandonei? Porque ele me tirou da sarjeta e evitou com isso que eu tivesse uma vida digna, por isso eu não o abandonei, para ter certeza que algum dia, ele há de pagar por isso. Porque eu não o mato? Porque eu tenho horror a sujar as mãos, mas agora chega, eu vou mata-lo aos bocadinhos. Se ele fosse um cachorrinho, eu o enfiava na lata de neston e jogava ladeira abaixo, depois enchia a lata de agua, direto da latrina, e cozinhava snaporaz, a merda tudo em fogo alto, e finalmente enquanto a agua fervente dilacerasse suas carnes podres, eu arrancava os olhos dele. Mas como ele não é um cachorrinho, e sim um porco, eu vou furar o coração dele.~~

Snaporaz – Já escreveu a carta para o ministro?

Servo - O quê?

Snaporaz – A carta para o ministro.

Servo vem para mesa.

Servo – O quê?

Snaporaz – carta? Papel, caneta?

Servo leva cadeira de Snaporaz.

Snaporaz – Ei? A minha cadeira!

Servo – Eu vou escrever a carta.

Snaporaz – Não na minha cadeira.

Snaporaz recupera cadeira, servo senta-se no ar.

Servo – Não consigo escrever em pé.

Snaporaz – Escreva...Sr Ministro...

Servo **Serguej!** Você lembra do que foi? **Si?** **Tonou si?** **Comer o que?** **E o que tonou banho?** **Hoje de noite?** **Hoje não temna sim?** **Não temna? Porque não?**

Servo – P-Se, P-nhor, P-mi, P-nis, P-tro.

Snaporaz – O que é isso?

Servo – A língua do P.

Snaporaz – A língua do P?

Servo – Snaporaz, você fala inglês, francês, italiano e não fala a língua do P?

Snaporaz – Eu não quero saber disso!

Servo – Snaporazzzzz, língua do P, de Pátria, de Paz, Poder, Podre, Propina, Putaria...

Snaporaz – (gritando) Pára, Porra.

Servo – Vê. Já esta falando.

Servo dança e pega propina no chão. Vai formando palavras: Papo. Honra. Rapino.

Snaporaz – Fora daqui!

Servo sai malandramente. Snaporaz joga as letras para longe. Depois de um tempo Servo volta e deita-se no chão de braços abertos.

Snaporaz – Está cansadinho? Não quer mais brincar? (pausa) Então, apodreça! (silêncio longo, ninguém se mexe)

Servo – Snaporaz. Se eu me deixasse comprar, quem me compraria? Se eu me deixasse comprar, eu ainda teria voz mansa com os amigos e gritaria com meus subordinados? Se eu me deixasse comprar, eu seria peludo, com mau hálito ou teria modos? Seria articulado, com discurso inteligente? ou é malvado?

Snaporaz – O que deu em você?

Servo – E no final do desespero, eu confessaria todos os meus enganos? Não tenha medo Snaporazzz.

Snaporaz – Eu não tenho medo mesmo.

Servo – Confesse. Snaporaz.

Snaporaz – O quê?

Servo – Só os vermes fazem agora a sua platéia Snaporazzz. Confesse Snaporazzz!

Servo sai

Snaporaz – Você está louco? Que vermes? Do que é que ele está falando?

Snaporaz começa a entender onde está. Barulho crescente de cachorros e porcos. Snaporaz se apequena e Servo volta vestido de carrasco para prende-lo pelo pescoço para transformá-lo em porco. Tango. Snaporaz tenta escapar de um lado para outro. Cria-se uma coreografia

de tentativa de fuga e impedimento. Afinal o guarda o prende pelo pescoço com um imobilizador de animais. Snaporaz é arrastado dramaticamente. Luta. Barulhos de porcos. Palco vazio. Blackout.

Snaporaz e servo no elevador. *Muito melhor*

Servo – Vamos tomar o elevador?

Snaporaz – Excelente idéia.

Servo - Podemos ver a obra toda lá de cima.

Snaporaz – Doze andares?

Servo – treze!

Snaporaz – o dia está tão azul!

Servo – Azulíssimo.

Snaporaz – Uma beleza!

Servo - Que barulho é esse?

Snaporaz – Você checkou o elevador?

Servo – Chequei. Os cabos, carretilhas.

Snaporaz – Os cabos de qual galpão?

Servo – Do galpão cinco.

Snaporaz – Do galpão cinco? Mas o galpão cinco guarda material das obras públicas.

Servo – E daí?

Snaporaz – E daí, que o material é de segunda.

Servo – Uh!

Snaporaz – Que barulho é esse?

O elevador cai → *rock paulista*

Snaporaz – Tudo o que fiz fui pela ética e transparência.

Servo – Eu fui um covarde!

Snaporaz – meu norte foi a ética e a ~~transparência~~.

Servo – Eu calei eu fui omissor.

Snaporaz – Eu tenho ~~os meus~~ princípios morais.

Servo – Eu não matei. Mas consenti.

Snaporaz – A ética e moral são os alicerces da minha conduta.

Servo – Eu sou culpado!

Snaporaz – Eu sou inocente.

melancolicoazulmarinho@hotmail.com

Otaviodelaneza@hotmail.com